Título: A última carta de amor

Autor: António Jacinto Pascoal

O que importava era não deixar de lhe escrever um só dia. Todos os finais de tarde, meia hora antes do fecho do escritório, Alberto escrevia uma carta de amor. Mas Alberto Sabugal, 63 anos, empregado de escritório de uma firma comercial da área dos têxteis, apaixonado, celibatário, bom aluno na escola e antigo vendedor ambulante de produtos de escritório e dactilografia, não se fechava num gabinete: o empregado compunha as suas cartas na secretária ao lado da de Amélia, a auxiliar de contabilista ruiva, postada defronte de um computador e uma pilha de notas de encomenda, trinta anos mais nova, a quem, há mais de um mês, se habituara e pedir conselhos de escrita.
Pensar em Susana era mais forte do que ele: era de tal modo poderoso e tempestuoso que a sua coragem e as suas dúvidas digladiavam dentro de si, a ponto de o deixarem exausto ao final de cada dia. Quando seguia a caminho de casa, um segundo piso de um vetusto edifício da baixa da cidade, por cima de um velho café, onde vivia sozinho, a grande dúvida assaltava-o: «depois de ler a minha carta, como reagirá ela»? Não queria ir até ao fundo da sua dúvida, tinha medo de mergulhar nela completamente, sentia o pânico de se afogar de uma vez por todas numa incómoda espessura de renúncia e perda. Por isso, ali com Amélia, discutia cada entrada da sua carta, as mesuras, vários aspectos do conteúdo, a fórmula de despedida. Àquela hora, os assuntos pendentes da firma haviam sido resolvidos e a hora de maior pressão, entre as dez horas da manhã e as três da tarde, havia passado já. Era quase sempre assim, como as ondas do mar no verão, antes das marés-vivas. Todo o pessoal do escritório conhecia este ritmo, como se houvesse um turno preparatório logo a iniciar cada dia, depois o turno principal em que se "ouviam" os roncares dos motores e toda a espécie de ruídos de máquinas de engenharia comercial, e o turno de fecho, como a maré vaza e a sua sobreposição de compadecimentos e delicadezas.
– Oh, não, assim, não – disse Amélia, num misto de complacência, constrangimento e troça –, não pode escrever "Susaninha", Sr. Alberto. É a terceira vez que lhe digo isto. O senhor disse-me que essa sua Susana tem hábitos modernos, que pede comida para casa, e veste saia curta ou calça de ganga apertada como as minhas. E eu também lhe disse que as pessoas já não escrevem cartas. Qualquer email é mais simples e poupa uma data de tempo. Qual, Susaninha, qual carapuça. Deixe-se disso. Olhe para ele tão querido. – Amélia quase rebentava a rir, sem tirar os olhos do papel – Olhe para ele tão querido… –, repetiu, trocista, mas sem desprezo.
– Então como acha que devo…
Amélia examinou de novo toda a carta. Manteve um longo silêncio enquanto a lia, para se redimir das próprias palavras que, assim de chofre, poderiam ter ferido Alberto. Compôs os óculos, gesto que lhe valeu garantir a atenção grave do colega de escritório. E não vislumbrando já vestígios de melindre do colega, voltou à carga:
– Risque esta parte, Sr. Alberto. E esta linha toda… E este parágrafo. O senhor tem de …
Alberto considerava todas as sugestões de Amélia com a maior das atenções. Por vezes, dizia «Olhe que é só por a menina o dizer», mas, valesse o que valesse o que afirmasse, certo era que agia sempre em conformidade com o que a colega explicava.
– Conte-me lá mais um pouco sobre a Susana, Sr. Alberto. É verdade que ela trabalha numa companhia de seguros? O senhor falou nisso há já uns tempos, não foi? Sabe do

que me lembrei? – os olhos de Amélia cresceram – O Sr. Alberto tem algum seguro?
– Um seguro... Mas, Amélia, eu não quero fazer...
– Espere, não é isso. O Sr. Alberto não tem de fazer um seguro. O que estou a pensar é que as suas cartas são todas muito vagas, bonitas mas vagas, como se afinal você visse esta Susana todos os dias, mas, no fundo, não conhecesse nenhum dos seus interesses e não tivesse uma ideia clara sobre ela ou sobre o que quer dela. O seguro – e aqui Amélia procurava espremer um pouco mais o sumo do prazer que aquela ideia lhe fizera sentir – era apenas o pretexto para vocês se encontrarem ou pelo menos terem essa possibilidade. É que, valha-me deus, Sr. Alberto, isto não pode ficar por um amor à antiga. Compreende?
Alberto sufocou a ânsia que crescia dentro de si e tentou ordenar os seus pensamentos. Ia falar, mas Amélia antecipou-se:
– Acho que nunca lhe perguntei. – Pela primeira vez, desde que há várias semanas embarcara na tarefa diária de lhe compor as cartas, Amélia sentiu uma admiração genuína, muito mais do que a habitual complacência, pelo colega de trabalho. – Queria perguntar-lhe: há quanto tempo escreve estas cartas a esta senhora?
Alberto sentiu um leve estremecimento, como se estivesse a ser acossado.
– Não me tome por um garoto, Amélia – disse ele.
– Nada disso. Nada disso, Sr. Alberto. Muto longe disso. Estou mesmo a querer saber...
Alberto, aqui, ficou em silêncio. Mas quando notou que a conversa poderia ter sido ouvida por mais um ou outro colega do escritório, encontrou-se entre estrangeiros, numa terra distante e hostil. E assustou-se. De facto, os outros colegas do escritório deixaram de cantarolar, de assobiar ou de se mexer nas cadeiras e permaneceram em silêncio, vagamente concentrados nos ecrãs dos seus computadores, lançando, aqui e ali, um olhar suspeito entre si.
– Não tenha medo – soprou Amélia baixinho, encorajando-o –, ninguém nos está a ouvir. E aumentou o volume da música que passava no seu telemóvel.
Os dois ficaram assim, de olhos emaranhados e suspensos na resposta. Então, Alberto desviou o olhar para a janela, fitando o rio mais abaixo, e disse.
– Há dois anos.
– Há dois anos? – perguntou ela, e os seus lábios voltaram a mexer-se, sem que houvesse pronunciado outro som.
– Há dois anos – repetiu ele.
– Diariamente?
– Diariamente.
Um silêncio comovido atravessou a empregada de escritório. O corpo tremia-lhe ligeiramente, e, em simultâneo, uma ligeira impressão de incredulidade e certeza invadiu-a por dentro. Já não queria saber de mais pormenores. Então, tomada de uma energia renovada, como quem agarra um punhal e o aponta para o céu num ritual ancestral, poisou as mãos no teclado do computador e disse:
– Sr. Alberto, dá-me licença que lhe escreva esta carta?
Ele não falou. Acenou apenas, concordante.
E sobre o teclado, as pontas dos seus dedos correrem ligeiras como póneis acabados de nascer. Não haviam passado dois minutos, quando ela lhe pediu que ele olhasse o ecrã do seu computador. E foi ali que Alberto percebeu que aquela seria a sua última carta escrita.

«Susana, meu amor. Foram já algumas as cartas que te escrevi desde há um certo tempo. Mas tudo é uma questão de tempo. É por isso que quero que entendas que as minhas palavras já não esperam no papel. Tenho dificuldade em domá-las. Agora vejo-as numa correria pelos campos, pelas ruas da cidade, pelas vielas de onde saem exauridas e estonteadas para que te vejam e sejam, elas mesmas, os bocados de ossos e carne e pensamento de que sou feito, e cheguem amanhã até ti e as leias e, ao lê-las, entendas finalmente que estas palavras escritas querem ser o som da minha boca a dizer-tas junto a ti, pois nelas sufoco, se as mantiver retidas no papel e em mim.
Desejo assim que me devolvas as palavras que marquem, finalmente, o nosso encontro – breve, eterno, longo, impossível? Quem sabe o que nos reservam? Diz-me então se ajustarias contas comigo ainda nesta semana? Mas diz-mo, pois acredito que não há ninguém que se alimente apenas de uma ideia.

Teu, Alberto.»

Quando chegou ao final da leitura, Alberto parecia um homem vencido e esboçou um movimento contido de defesa. De certo modo, sempre quisera ter esta prece atendida, a de ler uma carta sua escrita por Amélia, tal e qual como uma mulher gostaria que um homem lha escrevesse. Mas, talvez vencido pela comoção e derrotado pelo cansaço, não disse uma só palavra. Encaminhando-se à sua secretária, pegou nos pertences, dirigiu um olhar a Amélia, que continuava quieta na cadeira, limitou-se a sorrir com a expressão de quem gostaria de estar alegre mas não pode, e saiu. Os outros colegas do escritório entreolharam-se.
No dia seguinte, à hora de costume, as secretárias foram sendo ocupadas, mas o lugar de Alberto permaneceu vago. Todos os empregados dirigiam o olhar na direcção de Amélia e ela lá fazia como podia, refugiando-se no trabalho e no ecrã do computador.
Pouco depois, o chefe apareceu, amável como dantes, mas um pouco confuso:
– O Alberto despediu-se – anunciou. – E sabem que mais? Telefonou-me esta manhã a dizer que ontem concluiu aqui no escritório aquilo que andava há anos para acabar. Alguém sabe de alguma coisa?
A Amélia, após um silêncio profundo, não restava mais do que sorrir, retomar o trabalho e agradecer a fortuna de o ex-colega de trabalho lhe ter concedido o privilégio de uma segunda vida.